



**Organizadores:**  
Virgínia Célia Cavalcante de Holanda  
Luiz Antônio Araújo Gonçalves  
Antônio Jerfson Lins de Freitas

# Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva



Série  
Território  
Científico

SER  
TÃO  
CULT



**Virginia Celia Cavalcante de Holanda** é graduada e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou Estágio Pós-Doutoral na linha de Pesquisa Dinâmica urbana e regional junto ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde desenvolveu pesquisa: “O Papel da Interiorização do Ensino Superior no espaço Urbano e Regional das cidades médias do Nordeste Brasileiro”. Bolsista Produtividade em Pesquisa da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), para o período de novembro de 2020 a novembro de 2022.



**Luiz Antônio Araújo Gonçalves** é bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, mestre e doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia - PROPGeo/UECE. Realiza Estágio Pós-Doutoral na linha de Pesquisa - Natureza, campo e cidade no semiárido junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Foi Coordenador adjunto do Mestrado Acadêmico em Geografia - MAG/UVA e Pró-Reitor de Extensão e Cultura da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Atualmente é Professor Adjunto dos Cursos de Geografia (Bach. e Licenc.) e do MAG/UVA.



**Antônio Jerfson Lins de Freitas** é graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2007) e em História – Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (2004). Técnico em telecomunicações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET-CE, atual IFCE). Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (2019). Cursa segunda licenciatura em Geografia pela Faculdade Estácio do Ceará. Atualmente coordena o conselho editorial da Editora SertãoCult.

**Organizadores:**

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Antônio Jerfson Lins de Freitas

# Trajетórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva



Sobral-CE

2022



## Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva

© 2022 copyright by Virginia Célia Cavalcante de Holanda; Luiz Antônio Araújo Gonçalves; Antônio Jerfson Lins de Freitas. (Orgs)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138  
Renato Parente - Sobral - CE  
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222  
contato@editorasertaocult.com  
sertaocult@gmail.com  
www.editorasertaocult.com

### Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

### Coordenação do Conselho Editorial

Antônio Jerfson Lins de Freitas

### Conselho Editorial de Geografia

Alberto Pereira Lopes  
Carlos Alberto de Vasconcelos  
Iapony Rodrigues Galvão  
Otávio José Lemos Costa  
Paulo Rogério de Freitas Silva  
Sandra Líliliana Mansilla  
Telma Bessa Sales  
Wendel Henrique Baumgartner

### Revisão

Antônio Jerfson Lins de Freitas

### Diagramação

João Batista Rodrigues Neto

### Capa

João Batista Rodrigues Neto

### Catálogo

Leolph Lima da Silva - CRB3/967



T768 Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva. / Organizado por Virginia Célia Cavalcante de Holanda, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Antônio Jerfson Lins de Freitas. – Sobral-CE: Sertão Cult, 2022.

262p.

Série Território Científico, v.02.  
ISBN: 978-85-67960-88-3 - papel  
ISBN : 978-85-67960-89-0 - e-book em pdf  
Doi: 10.35260/67960890-2022

1. Geografia urbana. 2. Cidade Média. 3. Território e Pesquisadores. I. Holanda, Virginia Célia Cavalcante de. II. Gonçalves, Luiz Antônio Araújo. III. Freitas, Antônio Jerfson Lins de. IV. Título.

CDD 910.130776



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

## Prefácio

Prefácio? E o que é um prefácio? Fiz e refiz muitas vezes essa indagação. Homenagens? *Bah!* Sobreviver tem sido o lema na pandemia. Esta indagação levou a várias considerações e reafirma a nossa forma de sobreviventes no percurso. Devemos todos receber as maiores homenagens possíveis. E todos sabem o porquê.

Nos dicionários, prefácio é um dito antes (*fatio-prae*), texto que precede a obra, introdutório, curto, com o intuito de preparar o leitor para o que encontrará e com o que se deleitará. É uma escolha. Aqui ele será pelos autores, entrevistados e entrevistadores, principalmente pela afirmação do compromisso com o conhecimento vivo e diverso na compreensão da cidade no urbano e do urbano na cidade.

Ainda na significação do prefácio, diz-se que *utilizá-lo é para tentar seduzir à leitura*, o que torna uma oportunidade de ler o *Trajatórias* como continuidade de um trabalho de longa duração, expressa em agenda do Grupo de Estudo sobre Questões Teóricas e Metodológicas na Pesquisa das Cidades Médias e Pequenas e das atividades do *Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB)* no Mestrado em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), levado adiante no ano de 2020 e realizado através de plataforma digital, gravado e transformado em forma de livro. Esta é uma experiência coletiva extraordinária.

Da feitura do *Trajatórias*, depreende-se como a precarização da atividade acadêmica revela os ufanismos no tempo pandêmico: “os professores precisam se reinventar”, “os professores precisam se adequar para ensinar por meios virtuais”. A produção coletiva, aliada à potência da imagem viva (e falada) com os minutos de fama da *Web*, redefiniu a agenda e a continuidade das trajetórias se fez em exame.

Não obstante, as condições necessárias e indispensáveis para o uso de tecnologias nas pesquisas e no ensino são sempre admiradas e com capilaridade variada nas instituições educacionais. A capacidade dos sujeitos do conhecimento diante das adversidades e a empatia perante as relações docente-discente e nas tarefas orientador-orientando conduziu todos nós a uma reprodução ampliada do conhecimento, com a criação de canais de *Web*, *lives*, jornadas, conversas, entrevistas, defesas e muita divulgação científica, como esta aqui, se multiplicando num turbilhão incoerente.

E tais encontros virtuais já se realizam há muito tempo (ao menos há 15 anos), em exames de qualificações, defesas de mestrado e doutorado e orientações. Nesse período, as experiências da Universidade Aberta do Brasil (UAB) contribuíram para a implantação de cursos de graduação à distância, sobretudo de Matemática, Pedagogia e Letras. Muitos dos recursos foram aprimorados nessa experiência de UAB. As plataformas abertas *Moodle* e *Sigaa* demonstram funcionalidades que carecem de ajustes.

Com isso, os abusos do uso de recursos tecnológicos e a fragilidade das políticas educacionais de tecnologia para ampliação de recursos humanos qualificados e para preparação de equipamentos de qualidade não abalaram os esforços da grande maioria dos colegas professores em aulas, palestras, defesas e debates. Afinal, o uso de plataformas digitais tem sido o *mister* dos docentes e pesquisadores antes e durante o ano de isolamento em 2020.

De sorte que poderia dizer: conheço essa turma. Quer dizer, conheço a maioria dos entrevistados e entrevistadores. E conheço por estar convivendo na mesma temporalidade e por fazer parte de uma geração de professores de Geografia que entendeu ser partícipe em contribuir para estruturar o ensino de pós-graduação e a pesquisa no país, atendendo ao chamado dos órgãos de fomento, sobretudo Capes e CNPq e as agências estaduais de pesquisas. As entrevistas, realizadas entre maio e novembro de 2020, chegam-nos em forma de texto e reforçam os seus conteúdos e objetivos sobre si como sujeito e sobre os objetos de pesquisa.

Alguns conheço *mais de perto*, dos tempos da graduação na Universidade Estadual do Ceará (UECE) ou da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), ou ainda, por ocasião do mestrado ou do doutorado nas décadas de 1980-90. Com uma delas cheguei até a casar e, na *pequenina* Paraíba, criar

raízes. Sim! Como esquecer as paixões do conhecimento? Como esquecer os ânimos exaltados e os momentos tensos de debates de pesquisa, das contradições, das vontades e onde o inesperado causa uma surpresa?

Não pude deixar de notar - e anotar - que duas das entrevistadas compuseram a minha banca de doutoramento. O que posso dizer hoje é que fazemos pesquisa até ontem. Com uma delas, em especial, aprendemos a luta política e institucional da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), para “promover e estimular o estudo da geografia”, *uma* das finalidades da AGB. E bem que se diga que a grande maioria presente no *Trajétórias* foi ou está envolvida com esta cachaça chamada AGB, uma espécie de *cruzada agebeana de difusão da geografia*.

*Sem pesquisa de campo não se pode falar.* Assim, nos aparece uma referência ao Maoísmo da Geografia Francesa, quando se recorda a ambiência da experiência de formação. Este conteúdo exposto no *Trajétórias*, a dinâmica do debate e de seus resultados, pode ser visto tanto como um diálogo sobre a educação intuitiva e inconsciente da comunicação dos sentidos, como uma linguagem estética aprendida pelo estado de exceção pandêmico. E, sem dúvida, como uma riqueza de depoimentos para o estudo das cidades e do urbano. Estar presente no *Trajétórias* é dividir o pano, as varandas e os punhos dessas redes de estudos sobre a cidade e sobre o urbano, partícipe na construção da pesquisa colaborativa.

Certamente poderia qualificar tais trajetórias no âmbito da História da Educação e num amplo campo configurado como práticas escolares. Entrevistas de ou sobre trajetórias nos fornecem rico material de pesquisa para as práticas escolares e são sínteses dos modelos de formação de professores nas instituições às quais estão vinculados. É dessa maneira que as práticas escolares são renovadas; seja pelas trocas de experiências internas aos grupos de pesquisa, seja pela investigação dos conhecimentos. No aspecto geracional, corresponde às *trocas de figurinhas*, que são as conversas, as derivas nos cafés, nas aulas; nas indicações e sugestões de temas, nas orientações, ajustes e desencontros que se operam na intersubjetividade, entre lares (ou hotéis) e bares.

A exposição das trajetórias de pesquisa, em todos os depoimentos, sem exceção, nos mostra que a prática da Geografia tem sido a formação

de professores; de que “*a prática do geógrafo tem sido o ensino de geografia*”. E, em que pese uma ou outra interpretação em relação aos conceitos e categorias das Ciências da Educação, todos são ou estão envolvidos com currículos, programas, conteúdos, avaliações etc. Tomar contato e adentrar nas experiências de cada um através dos relatos da institucionalidade da pesquisa e da formação profissional, dos entraves da instituição e do ensino é ver e olhar o entusiasmo, o contexto e a atuação em seus respectivos anos de formação. E, como síntese, os resultados: capacidade de auto-organização e condições de trabalho.

Isto posto, os percursos revelados pelos colegas entrevistados se encaixam, como disse, na História da Educação e nas práticas escolares. As dimensões práticas da convivência das pesquisas dos grupos e das pesquisas individuais nos cursos de graduação e pós comportam formas variadas de convivência, pois carregam as contradições das instituições. Portanto, fixá-la na dimensão da história e da educação nos permite sustentar que as pesquisas levadas a cabo pelos grupos aqui expostos é o estudo da cidade e do urbano como um tema subjacente ao trabalho docente com a dupla finalidade: deleitar e ensinar, tão afeitas à poesia homérica.

A despeito disso, revelam a compreensão diversificada das temáticas e a relevância do assunto, seja por amor lefebvriano (ou legoffiano) às cidades, seja por viver suas plenitudes. Agradável constatar, de soslaio, nas trajetórias, a hipótese de que o trabalho coletivo induz suplantar os provincianismos diante da monumentalidade cidadina. Os relatos são repletos da própria história do crescimento e expansão do trabalho da ReCiMe e dos grupos de pesquisa que o transitam, o que certamente se poderia escrever um quase-tratado.

Neste caso aqui, o recorte com tesoura e tesouradas da leitura se deu através das experiências individuais e educativas que nos contam sobre suas preferências, aportes teóricos e posturas profissionais e, sobejamente, sobre parte expressiva da Geografia Urbana brasileira nos últimos 40 anos.

Por fim, não é exagero dizer que provocar o leitor com leituras críticas do *Trajétórias* é um tanto fora de propósito. Em cada uma das trajetórias, um ou mais métodos de pesquisa, uma ou mais abordagens teóricas da ciência e da educação são expostos e refeitos. Por óbvio, muitas das ques-

tões colocadas são autoexplicativas para a análise do Brasil urbano. E, como tais, são lideranças acadêmicas exercidas por mulheres (ao menos na ReCiMe) que são as mais capacitadas e aquinhoadas com as qualidades para exercer e porque os demais as qualificam para que a Geografia Urbana produzida seja um *vir-a-ser*.

*Prof. Dr. Carlos Augusto Amorim Cardoso*

**Universidade Federal da Paraíba (UFPB)**



## A série Território Científico

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da SertãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume *Diálogos sobre a Ditadura*, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, a série *Território Científico* chega ao seu segundo volume elaborado a partir de uma parceria com os profissionais ligados ao Seminário da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe). Eis a obra *“Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva”*.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Geografia Urbana brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país.

Passados alguns meses da realização das entrevistas, finalmente a pandemia dá mostras de arrefecimento. O isolamento que tanto nos custou, começa a dar lugar a reencontros presenciais e estas entrevistas, mais do que um relato de experiências de pesquisa, passam a compor um registro histórico de como a crise sanitária afetou toda a nossa sociedade.

Se a produção científica segue sendo alvo de constantes ataques e aqueles que se dedicam a ela ainda são encarados quase como inimigos do Estado, é mais do que pertinente, mas necessário que todos aqueles

que acreditam na educação, na ciência, no conhecimento se unam e abracem projetos que busquem aproximar essa produção e o público em geral.

Mais um livro se junta à nossa série, nos deixando ainda mais orgulhosos e empenhados em nossa defesa incondicional da ciência.

Que venham os próximos volumes!

*Antônio Jerfson Lins de Freitas*

*Marco Antônio Machado*

**Coordenadores da Série Território Científico**

## Apresentação

O livro *“Trajetórias de Pesquisadores e os Estudos das Cidades Médias em Perspectiva”* é resultado das atividades do Grupo de Estudo sobre Questões Teóricas e Metodológicas na Pesquisa das Cidades Médias e Pequenas. O Grupo se formou no contexto da pandemia da Covid-19, no ano de 2020, quando colegas que já desenvolviam estudos ou orientavam temas nessas escalas de cidades, participantes do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB), do Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), decidiram manter o vínculo com alunos e professores de diferentes instituições de forma interativa, utilizando o *Google meet* para viabilizar o diálogo.

Nesse momento sendo também fundamental que se mantivessem ativas as conversas iniciadas no Seminário da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe), em dezembro de 2019, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e que seriam alinhadas em um evento em Sobral, programado para a última semana de maio de 2020, que contaria com a presença pesquisadores da ReCiMe em mesas redondas, conferências, trabalho de campo e reuniões de trabalho com o grupo do LEURB.

Da conjugação dessas necessidades, planejamos apresentar aos nossos alunos o pensamento de pesquisadores amplamente reconhecidos pelos estudos das cidades médias brasileiras, a aproximação indo das leituras de suas publicações, aos diálogos profícuos amparados nas trajetórias destes pesquisadores. Nesse sentido, somos gratos aos professores convidados que, embora envolvidos em muitas atividades, atenderam ao nosso convite e aceitaram participar das conversas em forma de entrevistas e a organização destas para publicação em e-book, numa linguagem coloquial pela espontaneidade das falas, permitindo que outros interessados tenham

acesso aos depoimentos tão inspiradores e carregados muitas vezes de uma mistura de razão e emoção.

Nessa toada, buscamos a valorosa adesão da ReCiMe, em conversas com o professor William Ribeiro da Silva e com a professora Doralice Sátyro Maia que, além do acolhimento à nossa ideia, participaram como entrevistados. Os demais colaboradores entrevistados foram: Maria Encarnação Beltrão Sposito, Rita de Cássia da Conceição Gomes, Zenilde Baima Amora, Antônio Cardoso Façanha, Wagner Vinicius Amorim, Beatriz Ribeiro Soares, Maria José Martinelli Silva Calixto e Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior. Tivemos também a alegria de contar com o querido Professor Carlos Augusto Amorim Cardoso que nos honrou com o prefácio dessa obra.

A atividade contou com o apoio da *Editora SertãoCult*, que incentivou as gravações das entrevistas dentro do projeto *Território Científico*, que ofereceu suporte a outras publicações no mesmo formato, no âmbito das Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) no ano de 2020, com publicações no formato e-book e possibilidade de acesso impresso atendida por demanda.

Por fim, consideramos que a experiência em mobilizar tantos pesquisadores que estudam diferentes cidades médias no território brasileiro foi exitosa. Mas também por conseguimos ampliar os horizontes dos nossos estudantes e contribuímos com a formação universitária e fortalecimento do conhecimento acadêmico num ano tão atípico. Por isso estamos felizes e gratos!

*Virgínia Célia Cavalcante de Holanda*

*Luiz Antônio Araújo Gonçalves*

*Antônio Jerfson Lins de Freitas*

**Organizadores**

# Sumário

Doi: 10.35260/67960890p.16-57.2022

**Dialogando, pensando e aprendendo com a trajetória de uma pesquisadora.....16**

Prof.<sup>a</sup> Maria Encarnação Beltrão Sposito  
Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.58-74.2022

**Os desafios da formação e atuação de uma pesquisadora.....58**

Prof.<sup>a</sup> Rita de Cássia da Conceição Gomes  
Prof.<sup>a</sup> Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Doi: 10.35260/67960890p.76-99.2022

**Experiências acadêmicas e de pesquisa sobre as cidades médias cearenses.....76**

Prof.<sup>a</sup> Zenilde Baima Amora  
Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.100-113.2022

**Levantando problemáticas de pesquisa: um convite para pensar a cidade e o urbano no Nordeste brasileiro.....100**

Prof. Antônio Cardoso Façanha  
Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Doi: 10.35260/67960890p.114-130.2022

**Os caminhos da formação e da pesquisa, tecendo uma trajetória.....114**

Prof. Wagner Vinicius Amorim  
Prof.<sup>a</sup> Glauciana Alves Teles

Doi: 10.35260/67960890p.132-146.2022

**Dividindo as múltiplas experiências de pesquisa e planejamento em cidades mineiras.....132**

Prof.<sup>a</sup> Beatriz Ribeiro Soares  
Prof. Antônio Cardoso Façanha

Doi: 10.35260/67960890p.148-179.2022

**Desafios, práticas e saberes sobre as cidades médias:  
um olhar a partir de Mato Grosso do Sul.....148**

Prof.<sup>a</sup> Maria José Martinelli Silva Calixto

Prof.<sup>a</sup> Glauciana Alves Teles

Doi: 10.35260/67960890p.180-199.2022

**Sobre escolhas e construção de caminhos, aprendendo com uma  
narrativa singular.....180**

Prof.<sup>a</sup> Doralice Sátyro Maia

Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.200-229.2022

**Aprendendo sobre as cidades médias e pequenas da Amazônia  
brasileira.....200**

Prof. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior

Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Doi: 10.35260/67960890p.230-255.2022

**Um panorama dos estudos das cidades médias em debate.....230**

Prof. William Ribeiro da Silva

Prof.<sup>a</sup> Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

**Índice remissivo.....257**





**Doralice Sátyro Maia** é graduada em Geografia (Bacharelado) na Universidade Federal da Paraíba (1986), mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1994); doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2000); Pós-Doutorado na Universidad de Barcelona (2007) e Pós-Doutorado pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR/UFRJ (2013). Atualmente é Professora Titular da Universidade Federal da Paraíba, do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisadora CNPq (PQ). Coordenadora do Grupo de Estudos Urbanos (GeUrb/UFPB) e vice coordenadora da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe).

# Sobre escolhas e construção de caminhos, aprendendo com uma narrativa singular<sup>1</sup>

*Prof.<sup>a</sup> Doralice Sátyro Maia<sup>2</sup>*

*Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves*

**Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves (UVA):** Boa tarde a todos e todas! Hoje temos a presença da professora Doralice Sátyro Maia. Você pode falar um pouco sobre sua trajetória acadêmica, dentro da Geografia, ou seja, como foi sua construção profissional?

**Prof.<sup>a</sup> Doralice Sátyro Maia (UFPB):** Boa tarde! Eu quero agradecer o convite, pois é uma oportunidade de conhecer novas pessoas que estão se formando, rever alguns amigos distantes, mesmo que seja por essas “figurinhas”, para fazermos essa conversa. Bom, a pergunta é bastante instigadora, pois faz pensar em nossa retrospectiva. Vou começar dizendo que não ingressei na universidade pela Geografia. Eu entrei inicialmente na Engenharia Civil, porque, durante a minha formação básica, eu me dava muito bem com a Matemática. Coisa que é rara se encontrar na Geografia, isto é, associar quem transite bem na Matemática com a Geografia, e como eu sempre me saía bem em Matemática, ouvia muito os outros dizerem que eu seria Engenheira.

No momento do vestibular (assim era denominado na época o exame para ingresso ao Ensino Superior), não tive dúvidas. Ingressei na Engenharia Civil, fiz o primeiro ano e comecei a ver que não era o que de fato queria.

1 Entrevista realizada via *Google meet* em 04 de setembro de 2020.

2 Professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Eu tinha 17 anos, quando se é muito jovem, é muito difícil saber o que se quer, mas foi uma experiência muito rica. Eu entrei na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e isso me possibilitou ter um amplo conhecimento do que é, de fato, a universidade.

Era um momento em que estávamos entrando na abertura política e isso foi fundamental, o contato com as primeiras notícias que vinham de Cuba, entre outras, deu uma reviravolta na minha vida. As primeiras manifestações nas ruas pós-ditadura tiveram repercussões significativas para que, durante o segundo ano, eu repensasse se queria Engenharia. Foi um momento difícil, pensei na área de humanas, na Economia, mas, como eu tinha gostado muito de Geografia no terceiro ano (do atual ensino médio), decidi fazer Geografia sem saber ainda de fato o que eu queria, essa é a verdade. Na medida que fui fazendo, fui me encantando com a Geografia, não só a humana, mas a física também me encantava, não a Geologia, mas a Geomorfologia. Quero dizer que na minha formação na graduação passei pela geomorfologia, fui auxiliar de pesquisa da professora Gelza Carvalho, que me introduziu conceitos, fui monitora de cartografia, então experimentei algumas coisas e, à medida que eu fazia, tinha certeza que o que eu queria era a Geografia Urbana. Já no último ano do curso, o Professor Cláudio Antônio Gonçalves Egler, hoje professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), falou-me de um estágio em uma fundação de pesquisa, a antiga FIPLAN. Fiz a seleção e me chamaram, assim, fui fazer a pesquisa encomendada pelo BNH no seu último ano, uma experiência muito boa. Foi assim que tive os primeiros contatos profissionais, coordenava o trabalho dos aplicadores de questionários, era uma pesquisa sobre demanda habitacional, com arquitetos e outros profissionais numa equipe interdisciplinar.

Terminada a graduação, a minha turma foi uma das primeiras que apresentaram o Trabalho de Conclusão de Cursos (TCC). O meu trabalho foi na perspectiva da Geografia Urbana, porém, com uma primeira parte em que explorei o sítio da cidade. Eu não quis me desprender totalmente da Geografia Física, não queria separar a geografia em física e humana. O estudo foi sobre a cidade Catolé do Rocha, situada no interior do sertão da Paraíba e onde morei na infância. A pesquisa tratou da mudança na dinâmica econômica da cidade, que se desprendia cada vez mais da atividade agropecuária, intensificando-se o setor terciário. Lembro muito da contribuição do professor Milton Santos que, nos seus livros, chamava a atenção

para esse fenômeno nos países subdesenvolvidos. Depois, quando a gente lê a sua obra sobre os dois circuitos da economia urbana, vamos entender melhor, mas, na época, eu não entendia muito bem porque não tinha lido esta última obra, mas todos aqueles livros como a “urbanização nos países subdesenvolvidos”, “pobreza urbana”, foram muito significativos para mim. Terminada a graduação, eu não tinha muita perspectiva de trabalho e, embora já existisse pós-graduação, em Recife, fazer pós de imediato não era algo presente em nossa formação, como é atualmente.

Eu queria trabalhar, foi aí que ao participar de um encontro de estudantes em Vitória (ES), alguém me falou que em Manaus tinha oportunidade de trabalho. Assim, eu arrumei as malas e fui com uma colega, não tínhamos nada certo. Chegando lá, saímos entregando nossos currículos nos colégios até que fomos chamadas. Eu comecei dando aula em um colégio pequeno, depois entrei em um cursinho que, felizmente, só durou um mês, pois achava terrível, 80 alunos em uma sala, eu muito jovem, foi uma experiência única. Foi quando apareceu uma seleção para professor substituto na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - veja que eu só tinha a graduação, mas em Manaus, ninguém fazia ainda o TCC. Então, o fato de eu ter feito bacharelado e realizado uma pesquisa chamou muito a atenção e eu fui selecionada. Recebia um salário muito baixo, referente às 20 horas de trabalho, então, precisava complementar com aulas em colégios, mesmo sem ter licenciatura. Quando estava procurando trabalho, eu enviei meu currículo para a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que estava contratando e tinha começado a abrir vagas para geógrafos. Então, pouco tempo depois, fui contratada. Na época, ainda não tinha concurso. Eu lembro bem como foi difícil a vida em Manaus. As condições eram precárias, transportes lotados e muito calor, até que em um final de semana, quando liguei para a casa dos meus pais em João Pessoa, meu pai me comunicou que tinha visto no jornal a notícia do edital de concurso em Cajazeiras (interior da Paraíba) para a UFPB e só precisava da graduação. Ao me dar a notícia, ele achava que eu não iria trocar Manaus por Cajazeiras. Eu respondi de imediato: “*troco na hora!*”

Fiz concurso e, no ano seguinte, comecei minha carreira na UFPB, em Cajazeiras, e foi uma experiência muito boa, no Centro de Formação de Professores. Éramos um grupo grande, de oito professoras recém-contratadas, jovens e começando na Geografia, História, Língua Portuguesa. Formamos um grupo bem dinâmico. Cajazeiras é uma cidade bem conhecida

pela cultura. A minha vida melhorou significativamente em comparação ao que vivia em Manaus, passei a achar que estava em um paraíso. No decorrer de três anos, fui fazer a pós-graduação, o mestrado. Inscrevi-me em dois programas, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pernambuco porque era próximo e Santa Catarina, porque um colega que conheci em um Encontro Nacional de Geógrafos, Pedro Viana, tinha ingressado lá e falou que era um programa novo e que valia a pena. Pensei nisso porque, na Universidade de São Paulo (USP), a forma de ingresso demandava, a priori, conhecer professores e eu não tinha esse conhecimento. Havia também outro fator pessoal, pois, em Cajazeiras, eu tive um filho e teria que levá-lo para São Paulo e isso para mim era um impedimento. Inscrevi-me nos dois processos, entretanto, marcaram as provas para o mesmo dia, então tive que decidir antes. Escolhi por ir para Florianópolis, queria romper um pouco, pois eu era de família tradicional na Paraíba e o fato de eu ter tido um filho solteira mexeu muito com minha relação familiar.

Fui aprovada, minha orientadora foi a professora Lenyra Rique da Silva que, por sinal, tinha estudado aqui na UFPB, tinha feito toda sua pós-graduação na USP e era professora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Não a conhecia, mas ela foi muito receptiva comigo. Até brincava por causa do meu sobrenome associado à época dos coronéis na Paraíba. A partir daí, comecei a pesquisar o que eu tinha muito interesse aqui na cidade de João Pessoa.

A questão que me movia era que, embora a urbanização fosse crescente na época, começava-se a discutir a verticalização, o aparecimento de shopping, por exemplo, não era isso que eu via, o que mais me chamava a atenção era que, embora o processo de crescimento urbano fosse evidente, havia também uma presença forte de atividades rurais na cidade. Muitas vezes eu me deparava e parava o carro para deixar o gado passar em alguns bairros, não só nos periféricos, mas em centrais, também isso na década de 1990. Então fui estudar essa temática. A minha dissertação se chama *“O campo na cidade: necessidade e desejo. (Um estudo sobre os subespaços rurais na cidade de João Pessoa-PB)”*.

Nesta pesquisa, em primeiro lugar, procurei descobrir onde estavam e onde se davam essas atividades, pois o que eu via era o gado pastando,

mas o gado não pasta em qualquer lugar, ou seja, onde estavam os currais. Assim, precisei ir atrás literalmente das reses e comecei a ver onde estavam essas vacarias. Uma indicação valiosa para esse processo foi dada pelo professor Moacir Madruga, que me ajudou bastante, foi a de percorrer os vales dos rios. Então, fui localizando várias vacarias ali instaladas, porque os vales dos rios são área de domínio público. Havia as casas e os currais - estes eram feitos atrás das casas, no quintal e geralmente possuíam poucas cabeças de gado. Os seus proprietários ou responsáveis tiravam o leite e vendiam pela cidade, normalmente em carroças ou bicicletas. Vendiam o leite *in natura*, que é um hábito de quem tem origem na área rural. Após essa etapa, começo a ver que o enfoque dado na dissertação, com caráter mais econômico, dada a orientação e os cursos feitos com outros professores durante o mestrado na UFSC, minha análise deu-se sobretudo no viés da chamada Geografia Econômica Urbana, digamos assim. Precisei mergulhar na literatura marxista fortemente e também em todos aqueles que discutiam o campesinato, mesmo porque a professora Lenyra era da Geografia Agrária. Li Chayanov, por exemplo, todos esses autores eu tive que ler, livros como “*A ideologia alemã*”<sup>3</sup>, dentre outros. A análise predominante então foi econômica e com base na literatura marxista.

O subtítulo da minha dissertação é “*necessidade ou desejo*” porque eu comecei a ver que grande parte das pessoas que conversei para a pesquisa, ou seja, os criadores de gado na cidade de João Pessoa, continuavam com tais atividades por necessidade de sobrevivência, mas outros, por vontade de manter uma atividade rural que estava no seu passado. A maior parte da população de João Pessoa, até os anos 1970 e 1980, era de pessoas que provinham do interior do estado. A migração foi muito forte. Assim, terminado o mestrado e vendo que não tinha finalizado a pesquisa, eu ingressei no doutorado.

Quero lembrar que, na época, não tínhamos um mestrado de dois anos, eu passei três anos e pouco para defender, iniciei em 1991 e defendi em dezembro de 1994. Em 1995, decido ir para a USP porque, a partir de minha experiência durante o mestrado e participação em eventos, fui conhecendo professores de outras instituições. Foi através da indicação do professor Carlos Augusto Cardoso que resolvi mandar um exemplar de minha disser-

---

3 MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. 1845.

tação para a professora Odete Seabra e escrevi para ela dizendo que estava querendo estudar “aquilo” em outra perspectiva. Enviei o projeto e ela aceitou. Fiz a seleção e o que garantia a aprovação era a prova de proficiência. Eu lembro que, quando estive na USP para a entrevista com Odette, ela me disse: “*Olha, o que você quer saber eu não sei se posso ajudar muito, mas se com o meu conhecimento eu puder contribuir...*”. E assim foi. Ela sempre me deu muita liberdade para as leituras, para as escolhas teóricas e metodológicas. A minha experiência na USP foi fenomenal, tínhamos o LABUR, onde se reuniam os professores, cada um com seu grupo de orientandos, e tínhamos leituras semanais, além daquelas que já fazíamos em grupo de alunos. Precisei aprender a ler em francês porque um autor fundamental era Henri Lefebvre e, no doutorado, o conhecimento da obra do autor se firma, além de vários outros teóricos.

No doutorado, deparei-me com outras perspectivas teórico-metodológicas. Assim, para trabalhar a vaquejada, eu utilizei muito o Guy Debord por causa da festa-espetáculo, da transformação da vaquejada. Na tese, trabalhei com noções como tradição e fiz a análise do rural a partir do que chamo de três objetos: as vacarias que dei continuidade; os campos de vaquejada onde ocorriam as grandes festas com campeonatos, mas também os pátios pequenos e as feiras de gado. Daí a minha vinculação com as pesquisas que tratam das feiras. Aquilo me instigava, fiquei satisfeita, muito embora a pesquisa nunca se encerre, mas naquele momento sim. Então, ao fazer a pesquisa, precisei conhecer o processo histórico da urbanização de João Pessoa e é quando me deparo com relatos muitos descritivos de historiógrafos. Até hoje, os professores da História aqui em João Pessoa não formaram um grupo forte que se dedique à História Urbana. Eu queria discutir um pouco mais sobre isso, é aí que começo a me interessar pela Geografia Histórica Urbana.

Após a defesa do doutorado, elaboro um primeiro projeto com o título “*A rua e a cidade: geografia histórica, geomorfologia e cotidiano*”. Começo a buscar documentos sobre a cidade de João Pessoa e a entrar nos arquivos. É quando vou conversar com o professor Maurício de Almeida Abreu e com o professor Pedro de Almeida Vasconcelos, que são referências no Brasil. Este projeto também se tornou o meu primeiro projeto de Iniciação Científica e, depois, submeti um outro projeto um pouco mais avançado ao edital de bolsas do CNPq e foi aprovado. Permaneci com esse projeto bas-

tante tempo, uns oito anos, sendo interrompido em 2006, quando resolvo realizar o pós-doutorado. Vou para Barcelona e a minha ideia era trabalhar ainda com a perspectiva da Geografia Histórica.

Então, elaboro uma proposta de pesquisa sobre a morfologia e as normativas urbanas no século XIX no Brasil e na Espanha. Procuo fazer um estudo não exatamente comparativo, mas com o propósito de entender como vão se construindo as normativas urbanas neste período e que são comuns para as cidades tanto de um país como no outro. Recolhi muito material. Até hoje, ainda tenho muita coisa para analisar, espero um dia retomar esse projeto.

No “meio” desse caminho, houve a construção da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe). Beatriz Soares, que está aqui me ouvindo, acho que ela lembra que, em 1997, em Salvador durante um evento, o Simpósio Nacional de Geografia Urbana (SIMPURB), após uma sessão de mesas redondas, Carminha (Maria Encarnação Beltrão Sposito), Beatriz, Carlos Augusto, eu e outros nos reunimos para conversarmos, pois estávamos incomodados com o fato das mesas do SIMPURB só ouvirmos falar das metrópoles. Beatriz já era doutora e tinha trabalhado em Uberlândia; ela tinha pesquisa sobre cidade que não era metrópole, assim como outros, e por que só se tinha como referência as metrópoles? A partir desse encontro, decidimos que teríamos que fazer alguma coisa.

Em 1999, no SIMPURB realizado em Presidente Prudente, foi incluída na programação, logo após ao evento, uma jornada sobre cidades médias durante todo um dia. A professora Beatriz Pontes foi convidada para a palestra. Neste SIMPURB, eu apresentei a minha tese que estava praticamente concluída. Feito isso, começamos a alimentar a ideia de ter um grupo de pesquisa para se reunir e trabalhar em conjunto. Vejam como isso leva tempo, foram quase 10 anos até termos, de fato, a criação da ReCiMe, que foi em 2007! Embora ela já estivesse sido concebida, ainda não estava formalizada como um grupo de pesquisa na plataforma Carlos Chagas.

A rede, enquanto um grupo de pesquisa, consolida-se a partir da elaboração do primeiro projeto de pesquisa submetido ao Edital “Casadinho” do CNPq. O primeiro projeto foi coordenado pela professora Denise Elias, da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Isso mostra o quanto é importante um edital que financie uma pesquisa coletiva, porque demandava pesquisa-

dores de várias partes do país e, de fato, foi muito fundamental para consolidar a ReCiMe como uma rede de pesquisadores sobre as cidades médias.

Após a conclusão do doutorado, como já falei, comecei a orientar Iniciação Científica, mas também tivemos que criar o Mestrado em Geografia na UFPB. Pois, quando entramos em uma universidade que não tem pós-graduação, você tem que ajudar a implementar tudo, então criamos o mestrado em 2003. A demanda por orientação no campo da Geografia Urbana é uma constante. Estudos sobre habitação, expansão urbana, comércio, dentre outros compunham os projetos que ingressavam no mestrado. Assim, vamos orientando... Costumo dizer que atualmente tenho caminhado com as duas pernas, uma no contemporâneo e outra na Geografia Histórica. Em 2012, saio para o pós-doutorado na UFRJ. Na época, quando pensei na proposta, eu queria fazer com o professor Maurício de Abreu, mas ele estava doente, entretanto, me indicou a professora Fania Fridman. Foi uma experiência muito boa. É quando começo a trazer para a discussão a ferrovia. Explico, quando começamos a fazer os estudos sobre as cidades na ReCiMe, Passo Fundo, Uberlândia, São José do Rio Preto, Campina Grande, Mossoró etc., vou vendo que há algo em comum no processo histórico de alguns desses municípios. Mas têm também particularidades, muitas foram campo de pouso ou caminho de boiada. Essas particularidades me instigaram a estudar e a mergulhar nesse passado. É então quando eu começo a estudar as chamadas bocas do sertão e que também se tornaram pontas de trilho. É também quando começo a aproximar minhas duas frentes de trabalho. Ao analisar o processo histórico dessas cidades, encontro um elemento comum que é a chegada da ferrovia. Início a pesquisa e passo a trabalhar com esta temática e que até o momento atual constitui a temática central do projeto de pesquisa que estou desenvolvendo.

Quanto ao ensino, devo acrescentar que eu ingresso na UFPB aqui em João Pessoa na área de Metodologia e permaneço ministrando disciplinas nessa área há sete anos. Após o doutorado é que começo a ministrar a disciplina Geografia Urbana. Ainda hoje, eu ensino nessas duas áreas: Metodologia e Geografia Urbana. A extensão nunca foi meu forte, realmente acho muito difícil a gente dar conta dos três pilares da universidade, principalmente quando não se tem um grupo consolidado. Porém, nos últimos dois anos, tenho atuado com colegas que ingressaram mais recentemente, Rafael Padua e Alexandre Sabino, que integram nosso grupo de pesquisa, o

Grupo de Estudos Urbanos e que estão coordenando projetos de extensão na cidade de João Pessoa junto aos movimentos sociais e que contam também com a colaboração da professora Arlete Rodrigues, que esteve dois anos conosco como professora visitante. Bom, acredito que eu tenha conseguido sintetizar minha trajetória, não sei se consegui dar conta, certamente não falei dos fundamentos teóricos porque isso demandaria mais tempo, mas é isso.

**Prof.<sup>a</sup> Virgínia Célia Cavalcante de Holanda (UVA):** É uma trajetória que nos motiva muito, realizou uma migração diferente do Nordeste para o Norte, depois Sul do Brasil. Passou pela Engenharia Civil... É muito bacana ouvir tanta experiência. A gente olha e, muitas vezes, só vê o pesquisador a partir do momento do que consideramos êxitos, mas não pensa o que ele percorreu para chegar até ali. Fale um pouco sobre sua principal pesquisa, dentre tantas já desenvolvidas!

**Prof.<sup>a</sup> Doralice:** Quero primeiro dizer que a gente nunca foi contra os estudos das Metrôpoles, falo isso porque muitos dizem que estamos tentando separar a Geografia Urbana, não é isso. Considero ambos os recortes fundamentais. Inclusive, tenho orientado alguns trabalhos sobre metrópole, embora não seja uma *expert* no assunto, mesmo porque eu não moro em uma, vivi ocasionalmente um ou dois anos, mas não me sinto metropolitana. Inclusive, quando começamos a ReCiMe, eu morava e estudava em João Pessoa e, naquele momento para nós, João Pessoa era uma cidade média. Tivemos que nos unir “em torno” dessas cidades pensando no particular, universal e no singular. Quando elegemos as cidades, decidimos não incluir as capitais porque elas já tinham uma dinâmica própria de serem capitais dos estados. Elas têm uma centralidade forte por serem sedes administrativas dos territórios estaduais.

Eu não tinha estudado Campina Grande e a equipe resolveu estudá-la porque essa cidade possuía características que permitiam assim considerá-la. O professor Carlos Augusto já tinha feito um estudo sobre Campina Grande. A tese dele é sobre essa cidade, assim como outros professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Então, formamos essa equipe da ReCiMe, que é composta por pesquisadores locais, no sentido de serem os responsáveis por aquela cidade.

No projeto de pesquisa coletivo da ReCiMe, nós ficamos responsáveis por Campina Grande e fizemos a pesquisa; aquele estudo grande que culmina em um livro que foi publicado. É aquela coletânea das cidades, em que cada volume reúne duas cidades, o nosso foi Campina Grande e Londrina. Começamos a pesquisar as cidades médias e não se

trata de cidades de porte médio, até porque não é o tamanho da população que vai dizer o que é uma cidade, o importante é analisar a centralidade que esta cidade exerce na sua região de influência, a sua dinâmica etc. Claro que as cidades pequenas também são importantes, todas são. Mas esse primeiro conjunto de características marcou o início dos nossos trabalhos e era fundamental ter um pesquisador que tivesse responsabilidade pela pesquisa sobre a cidade eleita. Uma outra curiosidade sobre a formação da ReCiMe e as suas pesquisas é a diversidade dos campos de atuação dos seus pesquisadores, as suas opções teórico-metodológicas, tudo isso foi muito debatido dentro da rede, foram muitas as nossas discussões, o que acho que nos fortaleceu.

**Uma outra curiosidade sobre a formação da ReCiMe e as suas pesquisas é a diversidade dos campos de atuação dos seus pesquisadores, as suas opções teórico-metodológicas, tudo isso foi muito debatido dentro da rede, foram muitas as nossas discussões, o que acho que nos fortaleceu.**

Continuamos estudando Campina Grande e vimos como é interessante. Recebemos muitos alunos querendo estudar a cidade, o que fortalece ainda mais nossa pesquisa. Tem sido muito bom. Além disso, com meu projeto de pesquisa, comecei a ver a possibilidade de estudar cidades que não eram tão próximas. Os colegas nos forneciam material que eu precisava, como o de Uberlândia por exemplo. Quando eu fui analisar o processo histórico desta cidade, eu recorri muito à Beatriz. Parti da tese dela e busquei outras referências. Passo Fundo, Oscar Sobarzo me forneceu referências e é um trabalho bem coletivo mesmo, em que cada um pode ter seu projeto individual, com uma temática específica e cada um contribui com o outro.

Há os momentos altos da rede, que foram principalmente na época dos editais de fomento à pesquisa. Como já mencionei, o primeiro projeto foi coordenado pela professora Denise, o segundo fomos nós que coordenamos, o que deu a oportunidade de equipar o laboratório, fortalecer o pro-

grama, realmente foi muito importante para a pós-graduação. Já o terceiro foi coordenado pela professora Maria José Martinelli Silva Calixto. Quando os projetos vão sendo finalizados, ficamos sem recursos e sem uma pesquisa coletiva, sentimos que a rede meio que enfraquece. Tanto que o último *workshop* que fizemos em Juiz de Fora foi uma tentativa de, mesmo sem projetos conjuntos, mantermos o compromisso de “tocar” essa rede, pois entramos em um momento de declínio, sem estímulo à pesquisa e agora há uma total ausência. Quando apareceu o edital aqui da fundação de pesquisa da Paraíba, eu vi que embora fossem poucos recursos, de fato, a nossa fundação está iniciando, embora sua criação seja mais antiga, a sua atuação efetiva é recente, acho que tem uns cinco anos. Então decidimos fazer uma proposta e ela foi aprovada. Este é o projeto que temos agora na ReCiMe, o que nos une, e isso faz que continuemos unidos.

Em relação ao que chamamos de eixo temático, em função de minha pesquisa na perspectiva histórica, eu fui me concentrando no tema sobre a conformação das áreas centrais das cidades, ou a construção desses centros principais. Essa é uma temática a qual atualmente estou me dedicando. Publicamos um livro com o título *Centro e centralidade em cidades médias*<sup>4</sup>, em que a primeira parte é de minha autoria e resulta destes estudos. Ou seja, na perspectiva intraurbana, trato da constituição dos centros das cidades que delimito como sendo as bocas de sertão. Uma outra parte é de autoria de Arthur Magon Whitacker e a terceira de William Ribeiro da Silva. Há, portanto, uma temática comum com diferentes perspectivas analíticas. Isso nos fortalece, porque vamos nos reunindo nos grupos temáticos, discutindo, escrevendo, é muito gratificante.

**Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes (UVA):** Professora Doralice, é um prazer lhe encontrar, mesmo que seja neste ambiente! Algo que sempre me encantou na Geografia Urbana Brasileira é a presença feminina e você é um desses nomes. Eu queria dialogar um pouco com os artigos e capítulos de livros seus. A questão que eu tenho para colocar é sobre a metodologia. A senhora trabalha em uma perspectiva da cidade média, tendo uma certa preocupação com essa regressão histórica, esse elemento metodológico é o que une muito dos trabalhos. Gostaria que você colocasse se você chegou

---

4 MAIA, Doralice Sátyro; SILVA, William Ribeiro da; WHITACKER, Arthur Magon. *Centro e centralidade em cidades médias*. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

a desenvolver uma metodologia específica para esse estudo. Qual a importância de fazer uma análise sobre a cidade média na perspectiva histórica?

**Prof.<sup>a</sup> Doralice:** Eu não considero que desenvolvi uma metodologia própria. Na verdade, acho que a gente vai trilhando a partir daquilo que conhecemos, caminhos que vamos apreendendo, mas acredito que tudo que une metodologicamente as pesquisas que fiz é a relação espaço-tempo. Ela vai se fazer presente em todas essas pesquisas, desde que eu fiz a pesquisa sobre o rural no urbano no mestrado, porque, embora na época o tema da verticalização, a construção de shoppings nas cidades e toda aquela dinâmica chamada contemporânea urbana predominasse e chamasse a atenção dos pesquisadores, não era isso que me instigava. Minha vontade era estudar a presença do que era do passado. Eu queria desvendar aquilo que eu denominei de permanência e, nessa busca, a base do método está na literatura marxista. Isso está em minha formação, não posso entender o urbano sem compreender o processo histórico, que sempre é dinâmico, considero fundamental para nossas pesquisas.

No que diz respeito aos instrumentos e aos procedimentos metodológicos, nós vamos construindo, mas não é fácil. Por exemplo, na Geografia, não temos capacitação para tratar documentos históricos, temos que aprender. Não é fácil encontrar alunos que se interessem por tal perspectiva, porque acham desinteressante. Muitos professores às vezes desestimulam. Eu não fico preocupada com o fato de um procedimento não ser próprio da Geografia. Lefebvre fala das cercas disciplinares, ou seja, que é o que divide e nós podemos romper com essas cercas. Nesse sentido, a relação espaço-tempo é o que nos une, mesmo que seja o tempo passado, isso vai depender do enfoque. Mais recentemente, eu tenho me dedicado a uma perspectiva, digamos, de processos passados, ou seja, um passado mais distante não significa que outras pesquisas não possam abarcar outras vertentes como moradia, habitação. Fazemos isso também na ReCiMe, não necessariamente na perspectiva da Geografia Histórica, mas que é muito importante em pesquisas urbanas. Devemos saber buscar e trabalhar com documentos, arquivos, escrituras de cartórios... Tenho uma ex-orientanda que trabalhou muito com as escrituras de imóveis, não só com elas, mas as certidões “vintenárias”. Que também são documentos valiosos que nos mostram a constituição histórica da terra urbana, ou seja, algo da atualidade, mas que precisamos saber como tudo iniciou.

Por exemplo, ao pesquisar um loteamento em determinada área com as certidões, pode-se reconstituir a história da propriedade, às vezes, desde a transformação de terra rural para urbana, como foi desmembrada até chegar ao loteamento atual. Essa minha ex-orientanda, a Luciana Araújo, fez isso. Eu não tinha trabalhado com essas certidões vintenárias, foi ideia dela. Eu sugeri que ela fosse aos cartórios para sabermos quem eram os donos das terras, porque isso é fundamental, saber a origem do empreendimento naquele local, o porquê de ter vendido. Para essas perguntas, você só encontra respostas se buscar nas documentações ou nos relatos. Então, ao conseguir realizar a pesquisa no cartório, identificou essas certidões e estes documentos foram fundamentais para a sua pesquisa.

Uma das maiores dificuldades para quem trabalha com as cidades médias e pequenas é a falta de jornais locais, além do que essas cidades são pouco noticiadas em jornais estaduais. Eu supervisionei um trabalho de uma pós-doutoranda que trabalha muito com a História Oral, é outra perspectiva metodológica que demanda muito tempo como em qualquer pesquisa. Atualmente, tenho um orientando de mestrado, Igor Carlos, que ingressou no mestrado com um projeto para trabalhar a cidade de Crato e a ferrovia na sua dinâmica atual. Quando ele começou, eu o estimulei para que procurasse entender o processo da instalação da ferrovia na cidade. Ele pesquisou no Arquivo Nacional, na Biblioteca Nacional, ele tem se dedicado e faz muito bem, ele busca também em jornais. Então, à medida que você vai tomando gosto por algo, você se satisfaz, você mesmo vai descobrindo os caminhos da pesquisa, vai se aprofundando. Então eu não digo que seria uma metodologia própria, cada pesquisa tem a sua. Agora, o método corresponde à nossa concepção teórica, no meu caso, tem sempre uma base na teoria de Lefebvre, com destaque para o entendimento das continuidades e descontinuidades.

**Prof.<sup>a</sup> Glauciana Alves Teles (UVA):** Professora Doralice, meu questionamento é no sentido de entender um pouco sobre os desafios em seu campo de estudo, nesse diálogo com a História, dessa dificuldade de ter alunos que se interessem pela temática. Não são muitos os estudos nesse campo, vejo muitas dificuldades inclusive em fazer interfaces com as outras áreas do conhecimento. O que você aconselharia para um jovem pesquisador nesse seu campo de atuação?

**Prof.<sup>a</sup> Doralice:** Antes de chegar no conselho, eu vou dizer o contexto. É muito interessante, à medida que você ia falando eu fui pensando que isso, na Geografia, causa mais espanto, até porque não está muito presente, tanto que desde que eu comecei a coordenar o grupo de trabalho de Geografia Histórica Urbana nos eventos como ENANPEGE e SIMPURB, nós temos que encaminhar a proposta, caso contrário ela não aparece. Mas isso foi uma conquista, eu consigo reunir colegas e, inclusive, eu contava com o professor José Aldemir, de Manaus, da UFAM, que infelizmente faleceu em 2020. Você até vê que tem pessoas que se interessam, mas há diferenças. Também não podemos nos dedicar exclusivamente a este campo de estudo; nós da Geografia Urbana temos que atuar e fazer várias coisas, como orientar trabalhos de diversas temáticas e isso é bem difícil. Por outro lado, como tenho também orientandos da Arquitetura e Urbanismo e é interessante observar como lá os dois campos são bem fortes. A ANPUR consegue ter um evento só da história da cidade e do urbanismo. Neste evento, há muito mais Arquitetos e Urbanistas do que Historiadores ou Geógrafos. Os arquitetos urbanistas estudam muito o presente, há grupos que estudam dinâmicas no presente e no passado. Cito a professora Ângela Ferreira, da UFRN, ela é uma destas. Então, o que tenho que dizer para os mais jovens é que você precisa gostar do que está fazendo, porque se você faz o que gosta, você faz bem, não é só porque tem bolsas. Eu já tive vários bolsistas de Iniciação Científica que, nas entrevistas, diziam que adoravam a temática da pesquisa e na hora não faziam bem; já há outros que não têm bolsa e realizam as atividades muito bem. Eu entendo o risco da rejeição por qual eles podem passar por parte de professores.

Vou dar um exemplo: tenho alunos que relatam que há professores que não aceitam orientar certas temáticas por entenderem que não fazem parte da área da Geografia, que a pesquisa é da História e eles enfrentam isso também em eventos. Então, falta um pouco de abertura nesse sentido, ou seja, permitir que se possa fazer o que se escolher. Se a regra fosse assim, de exclusividade temática em função da área do conhecimento, não poderíamos discutir questões de gênero, poderíamos dizer que é coisa da Sociologia ou da Antropologia, e isso barraria as perspectivas e o interesse temático. Esse comportamento de rejeitar por entender não ser de interesse para o campo da Geografia reduz o conhecimento e isso vai desmotivar os jovens. Acho que, como conselho, eu digo que se gostar de uma temática, mergulhe e vá em

frente, se o orientador não aceitar, procure outro. Deve-se ter uma postura de querer fazer, então os jovens precisam de estímulo e orientação.

**Prof. Heronilson Pinto Freire (UERN):** Professora Doralice, eu, como recém concursado com três anos na docência, passei sempre alguns textos seus nas disciplinas de Geografia Urbana e de Geografia da População e fiquei muito encantado com sua fala e sua trajetória de vida, os caminhos que você trilhou na pesquisa acadêmica. Eu queria que você aprofundasse um pouco mais sobre a questão de seu entendimento das cidades médias e pequenas do Nordeste.

**Prof.<sup>a</sup> Doralice:** Eu acho que tem algumas características de fato próprias dessas cidades. Outro destaque que posso fazer é que devemos conhecer o Brasil, isso é fundamental. Posso dar o exemplo das viagens que fizemos de carro de São Paulo para João Pessoa, elas foram significativas, conhecemos diversas cidades e realidades distintas. Então o recorte regional é importante e há também características que vêm de seus processos históricos. O professor Milton Santos denominou de formação socioespacial. As particularidades das cidades, sua formação, são também singulares, não só as cidades médias, mas as pequenas que dependem das cidades centrais. As suas dinâmicas se dão sobretudo pela economia, mas eu nunca descarto outros elementos de análise, a vida das pessoas, a cultura, o que está presente na vida dessas pessoas quando se fala das feiras, por exemplo. Há feiras em todo lugar, pode até existir, mas as feiras do Nordeste são peculiares. Há algumas perguntas que podem ser feitas, como o porquê da decadência de feiras em algumas cidades, ou em razão da ausência de produtos locais. As feiras têm sua razão de existir e não podemos separar isso do processo histórico de suas formações. Nesse processo não está presente só a economia, mas também a cultura, ou seja, temos no Nordeste as cidades do agreste, da zona da mata. Elas estavam inseridas na cultura da cana de açúcar e elas têm uma dinâmica

**As particularidades das cidades, sua formação, são também singulares, não só as cidades médias, mas as pequenas que dependem das cidades centrais. As suas dinâmicas se dão sobretudo pela economia, mas eu nunca descarto outros elementos de análise, a vida das pessoas, a cultura, o que está presente na vida dessas pessoas quando se fala das feiras, por exemplo.**

diferente das cidades do sertão, embora tenham uma característica comum nesse recorte amplo do Nordeste, devemos lembrar que há vários Nordeste, e acho que vale a pena fazer essas distinções.

**Prof.<sup>a</sup> Zenilde Baima Amora (UECE):** Eu queria falar um pouco sobre a questão da Geografia Histórica que pouca gente faz, mas, na realidade, todo mundo trabalha um pouco. Quando você faz referência ao mestrado, eu acho interessante, pois lembrei de um orientando que trabalhou sobre o algodão em uma cidade que eu considero média do Ceará. Nesse trabalho, ele faz um resgate do algodão e, a partir disso, você entende como Iguatu é hoje, e vejo como o trabalho dele contribuiu e foi um trabalho pioneiro, trabalhar a expansão urbana a partir da produção do algodão. Eu nunca tinha trabalhado com isso e foi muito interessante. É uma área apaixonante e devemos incentivar nossos alunos a fazerem trabalhos dentro da perspectiva da Geografia Histórica.

**Prof.<sup>a</sup> Doralice:** Eu fico contente e, se possível, me envie esse trabalho que você citou! Uma coisa que eu quero falar é o que sempre digo para meus orientandos: às vezes, nossos trabalhos são rejeitados em eventos e revistas, eu mesma tive vários, ninguém queria falar do rural no urbano. Para vocês terem ideia, foram mais de 10 anos para eu começar a receber convites para exposição de trabalhos com a temática da pesquisa, hoje sempre pedem a tese, artigos etc. É o que digo, não se sintam desanimados por serem “rejeitados” em algum evento, isso pode ocorrer com qualquer pessoa!

**Antônia Helaine Veras Rodrigues (Doutoranda em Geografia – UFC):** Sua trajetória profissional e História de Vida é muito inspiradora; fiquei muito contemplada e feliz com sua fala. Gostaria de saber sobre as transformações das relações urbanas nas cidades nordestinas a partir da Expansão do Ensino Superior.

**Prof.<sup>a</sup> Doralice:** A discussão sobre o Ensino Superior nas cidades, especialmente as médias e pequenas, já vem sendo realizada e há muitas referências. Há alguns anos, era mais raro. Nós tivemos um projeto que coordenamos com o professor Glaucio Marafon e a professora Carminha, que previa a análise do Programa Minha Casa Minha Vida nas cidades médias, atrelado à expansão do Ensino Superior. Desta pesquisa saiu uma tese realizada por Mariana Valença, orientada pelo professor Carlos Augusto, sobre

Caruaru, ou seja, ela estuda a dinâmica do Ensino Superior mais recente, pois na cidade já havia, anteriormente à Expansão do Ensino Superior no Brasil, mas a pesquisa tratou das implicações da política de implantação de novas instituições, portanto não foi na perspectiva da Geografia Histórica. Uma cidade que tem esse componente comum a Caruaru é Sobral, que tinha uma faculdade anterior e depois foram chegando outras. Em muitas outras cidades temos processo similar, é o caso de Cajazeiras, que recebeu um *campus* de Universidade Federal no final dos anos 1970 e início dos anos 1980 e, com essa política de ampliação do Ensino Superior, esse processo ocorreu de forma mais massiva nas cidades, particularmente no Nordeste, trazendo repercussões significativas.

De alguma forma, esse fato está associado às mudanças no mercado imobiliário e na produção de habitação, seja a partir do Programa Minha Casa Minha Vida, seja pela chegada de professores e alunos de outras cidades em função dos novos cursos ou das novas instituições. Evidentemente que a construção de um *campus* ou de uma universidade em uma cidade menor tem repercussões mais latentes se compararmos com uma cidade que já tem uma dinâmica econômica mais ativa. De todo modo, as universidades vão trazer fomento à pesquisa, ampliação do ensino e outros serviços que, por sua vez, trazem mudanças nessas cidades. Há uma pesquisa de uma mestranda do PPGG da UFPB, orientada pelo professor Josias Castro, que é sobre a pequena localidade de Cuité. A autora mostra como a dinâmica dessa cidade mudou em função do *campus* da Universidade Federal, de Institutos Federais, e isso vale muito a pena ser estudado.

**Prof.<sup>a</sup> Rita de Cássia da Conceição Gomes (UFRN):** Primeiro queria dizer que é uma satisfação dialogar com você, Doralice! Foi muito bom conhecer sua história, é interessante como nossas histórias são parecidas, histórias de luta e superação. Minha questão é: como você analisa a ausência da leitura dos clássicos nas pesquisas geográficas?

**Prof.<sup>a</sup> Doralice:** Rita, esse sentimento que você tem, eu também compartilho, porque às vezes a gente acha que todos têm o hábito de ler, mas muitos não têm o costume ou não conhecem os clássicos. Há também uma certa rejeição por não tratarem do momento atual. Então eu digo sempre aos orientandos e alunos de modo geral que, ao lermos qualquer que seja o autor, devemos colocá-lo na época em que escreveram o texto. Por exemplo, Marx

escreveu no século XIX, mas veja, quando ele escreveu, ele leu os economistas clássicos. E a base que ele propôs para desvendar o capitalismo permanece, embora hoje estejamos no chamado capital financeiro, financeirização, entre outras denominações que são dadas. A base do entendimento do que é mercadoria não mudou completamente. Ela até muda, se transfigura, mas a base na criação da riqueza se mantém, e para entender isso temos que ler, tanto é que, quando pegamos David Harvey, ele é um autor contemporâneo e a sua base teórica está fundamentada em autores como Lefebvre e Marx. Ele publicou vários livros desvendando o capital, ou seja, ele foi no passado para entender os fundamentos que continuam sendo basilares. Quando percebo que os alunos não têm o hábito de ler na graduação, por exemplo, eu sempre passo um texto do Engels que é sobre “*A situação dos trabalhadores na Inglaterra*”<sup>5</sup>. E outro que acho fundamental é o livro “*A questão urbana*”<sup>6</sup>, também do Engels, no qual ele discute a política de construir habitações para os trabalhadores e põe em cheque tal atitude, pois diz que isso torna os trabalhadores proprietários, portanto, segundo o autor, os trabalhadores vão se sentir em uma situação burguesa quando na verdade não são. Essa discussão é bastante pertinente não só no século XIX, mas continua sendo atual. Observei que não só na Geografia, mas também na Arquitetura, os clássicos estão pautados quando muito no Lefebvre, então, procuro também indicar a obra “*A questão urbana*”<sup>7</sup>, de Castells. O Castells dos anos 1970 e início dos anos 1980 e David Harvey, da “*Justiça Social e a Cidade*”<sup>8</sup>, que são pilares da Geografia Urbana crítica e, por sua vez, dos estudos da sociedade, Arquitetura, Geografia, planejamento. Considero que vale a pena instigar os nossos orientandos não a ler as obras completas, pois teria que optar – o que eles poderão fazer posteriormente, mas alguns textos creio que sejam fundamentais.

**Então eu digo sempre aos orientandos e alunos de modo geral que, ao lermos qualquer que seja o autor, devemos colocá-lo na época em que escreveram o texto.**

Um outro tema muito discutido nos anos 1980 era sobre a existência ou não da renda da terra urbana. Essa questão sempre provoca muito embate.

- 5 ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- 6 ENGELS, Friedrich. Contribuição ao problema da habitação. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Obras escolhidas. Volume II*. São Paulo: Alfa-Omega, s/d. 105-182.
- 7 CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- 8 HARVEY, David. *Justiça Social e a Cidade*. São Paulo: Hucitec, 1980.

Para a Ana Fani Carlos, por exemplo, não existe, já Arlete Rodrigues diz que existe. Então você tem que ler e se posicionar sobre o que é a renda da terra urbana. E, para isso, temos que entender, desde o início, que há leituras que são obrigatórias. Isso depende do que vai se focar, e se vale estudar. Os mestrados hoje são muito rápidos, então algumas leituras têm que ser priorizadas. Eu lembro que muitas disciplinas da USP na graduação tinha um capítulo certo de Marx e sempre era o mesmo, não basta ser necessariamente este capítulo, tem que ter outros e, para isso, os autores clássicos são fundamentais, não só os Marxistas, mas os clássicos da Geografia, como Humboldt, Vidal de La Blache. Concordo plenamente com você, devemos instigar nossos alunos a lerem os clássicos.

**Prof.<sup>a</sup> Juçara Spineli (Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS/ Campus Erechim, RS):** Realmente é um momento muito rico, e vemos um Brasil tão diverso! Eu venho da região Sul, nossa universidade é a da Fronteira do Sul, ela fica em três estados do Sul do Brasil, tem sede em Chapecó, em Santa Catarina, tem *campus* do Rio Grande do Sul e *campus* no Paraná. Um grande paradigma para nossos estudos tem sido a questão da fronteira do Mercosul. Essa Universidade dialoga de uma forma diferente com o Brasil e, da mesma forma, está integrada e isso é um desafio muito grande para entendermos. Vocês falaram da questão dos pequenos municípios, na verdade, nós temos estudado a questão dos polos regionais, independente de serem cidades médias propriamente ditas, mas que têm um papel de intermediação na rede urbana. Nós estamos chamando de cidades rurais e isso pesa a contradição do termo e tem as características que a professora Doralice citou. Eu acredito que isso é um objeto que ainda deve ser muito pesquisado, dado sua importância. Quero agradecer imensamente pela oportunidade de estar aqui e parabenizar a iniciativa do grupo de estudos e a fala da professora Doralice.

**Prof.<sup>a</sup> Doralice:** Eu gostaria de agradecer e dizer que a concepção desse projeto de grupo de estudos é muito boa e pode ainda ficar mais interessante. Uma coisa é você estar em uma mesa e só falar, outra é você ter esse diálogo. Eu hoje repensei minha trajetória e achei muito bacana, isso serve para pensar que caminhos estamos trilhando. Muito obrigada!



Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m<sup>2</sup>, com 262 páginas e em e-book formato pdf.

Impressão e acabamento:

Abril de 2022.

**Saiba como adquirir o livro  
completo no site da SertãoCult**

[www.editorasertaocult.com](http://www.editorasertaocult.com)

Editora

**SER  
TÃO  
CULT**

Série  
Território  
Científico

SER  
TÃO  
CULT

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da SerçãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume Diálogos sobre a Ditadura, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, a série Território Científico chega ao seu segundo volume elaborado a partir de uma parceria com os profissionais na sua maioria da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe) que participaram do Grupo de Estudos - Abordagens teóricas e metodológicas nos estudos das cidades médias e pequenas, organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - GEPPUR e o Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais - LEURB/UVA no ano de 2020. Eis a obra “Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva”.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Geografia Urbana brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país.



ISBN 978-856796088-3



9

788567

960883